Entre o espaço e o lugar: Perfil biobibliográfico de Ulysses Lins de Albuquerque

Between space and place: Bibliographic profile of Ulysses Lins de Albuquerque

Entre el espacio y el lugar: Perfil bibliográfico de Ulysses Lins de Albuquerque

João Henrique Lúcio de Souza[1]
Mariana Zerbone Alves de Albuquerque[2]

Resumo

SOUZA, J. H. L. de; ALBUQUERQUE, M. Z. A. de. Entre o espaço e o lugar: Perfil biobibliográfico de Ulysses Lins de Albuquerque. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 193-214, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPv47n2(2023)art10

Nesse trabalho, traçamos o perfil biobibliográfico do poeta e memorialista pernambucano Ulysses Lins de Albuquerque, membro do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP) e da Academia Pernambucana de Letras (APL). O mesmo surge primeiro como poeta (no início do século XX) e em uma segunda fase como memorialista (na segunda metade do século XX). A partir de sua obra (poética e memorialista) trabalhamos os conceitos de *espaço*, *lugar e paisagem* como próprios da natureza, por isso são intimamente ligados, indicando intersecções de experiências, pois é no exercício da memória, lugar de travessias (RICOEUR, 2010) e paradas (TUAN, 1983), que podemos ler outra perspectiva de sertão nas narrativas de Ulysses, um intelectual entre a memória e a poética, no limite entre história e memória (literatura).

Palavras-chave: Sertão. Paisagem. Lugar. Memória. Narrativa.

Abstract

SOUZA, J. H. L. de; ALBUQUERQUE, M. Z. A. de. Between space and place: Biobibliographic profile of Ulysses Lins de Albuquerque. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 193-214, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPv47n2(2023)art10

In this work, we draw the biobibliographic profile of the poet and memoirist from Pernambuco Ulysses Lins de Albuquerque, member of the Archaeological, Historical and Geographical Institute of Pernambuco (IAHGP) and of the Academia Pernambucana de Letras (APL). He appears first as a poet (at the beginning of the 20th century) and in a second phase as a memoirist (in the second half of the 20th century). Based on his work (poetic and memoirist), we work with the concepts of space, place and landscape as inherent to nature, which is why they are closely

1 Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). E-mail: joaolucio1810@gmail.com Orcid: https://orcid.org/0000-0003-2891-7315

2 Doutorado em Geografia Humana pela USP (2009). Professora Associada III da Universidade Federal Rural de Pernambuco. E-mail: mariana.zerbone@ufrpe.br Orcid: https://orcid.org/0000-0002-0617-0540.

linked, indicating intersections of experiences, as it is in the exercise of memory, a place of crossings (RICOEUR, 2010) and paradas (TUAN, 1983), that we can read another perspective of the sertão in the narratives of Ulysses, an intellectual between memory and poetics, on the limit between history and memory (literature).

Keywords: Hinterland. Landscape. Place. Memory. Narrative.

Resumen

SOUZA, J. H. L. de; ALBUQUERQUE, M. Z. A. de. Entre el espacio y el lugar: Perfil bibliográfico de Ulysses Lins de Albuquerque. ***Rev. C&Trópico***, v. 47, n. 2, p. 193-214, 2023. DOI: https://doi.org/10.33148/CETROPv47n2(2023)art10

En este trabajo trazamos el perfil biobibliográfico del poeta y autor de memorias pernambucano Ulysses Lins de Albuquerque, miembro del Instituto Arqueológico, Histórico y Geográfico de Pernambuco (IAHGP) y de la Academia Pernambucana de Letras (APL). Aparece primero como poeta (a principios del siglo XX) y en una segunda etapa como autor de memorias (en la segunda mitad del siglo XX). A partir de su obra (poética y memorial), trabajamos los conceptos de espacio, lugar y paisaje como inherentes a la naturaleza, por lo que se encuentran íntimamente ligados, indicando cruces de experiencias, como lo es en el ejercicio de la memoria, un lugar de cruces (RICOEUR, 2010) y paradas (TUAN, 1983), que podemos leer otra perspectiva del sertão en los relatos de Ulises, un intelectual entre la memoria y la poética, en el límite entre la historia y la memoria (literatura).

Palabras clave: Interior. Paisaje. Lugar. Memoria. Narrativo.

Data de submissão: 14/09/2023
Data de aceite: 13/11/2023

1. Apresentação

O escritor Ulysses Lins de Albuquerque, doravante UL surge primeiro como poeta (no início do século XX) e em uma segunda fase como memorialista (na segunda metade do século XX). Na primeira fase, o surgimento do poeta (no início do século XX) se deu em um momento bastante complexo na vida brasileira, período que carrega marcas da transição da monarquia para a república, e eventos como Canudos, eleições para Presidente, Coluna Prestes, Cangaço, até a revolução de 1930. Na Europa, as vanguardas artísticas futurismo, dadaísmo, cubismo, surrealismo e expressionismo irão compor um mosaico de tendências estéticas, que vão influenciar escritores como Oswald de Andrade, Manuel Bandeira e pintores a exemplo de Anita Malfati. Estes, após voltarem da Europa, trazem as novidades que serão as bases teóricas a influenciar a Semana de Arte Moderna de 1922 e mais tarde contribuirão na formulação do manifesto antropofágico. A poesia vive um contexto de conflito, entre estes que defendiam

propostas inovadoras e transgressivas e os que se apegavam ao tradicionalismo das estéticas românticas, parnasianas e simbolistas.

UL estava distante desses movimentos. As suas origens remontam ao cenário de vida de quem nasceu e viveu boa parte de sua infância na fazenda Pantaleão e outra parte de sua quadra de menino na Vila de Alagoa de Baixo, hoje Sertânia, para onde veio com o objetivo de estudar. Neste lugar, a convivência do poeta com a gente simples do Sertão do Moxotó, iniciada na zona rural, se amplia com as peculiaridades urbanas da vila: a missa, a feira, as bodegas e pequenos armazéns, a escola, as brincadeiras nas calçadas, a banda de música e as festas. Ele fez da construção de sua poesia e de sua narrativa memorialista uma busca da sua identidade cultural, enquanto homem do Sertão do Moxotó.

Nascido em 09 de maio de 1889, na Fazenda Pantaleão, município de Alagoa de Baixo (atual Sertânia) no Estado de Pernambuco, Ulysses Lins de Albuquerque foi uma figura típica de sertanejo nordestino, cujas raízes, através de Manoel Coelho Lins de Albuquerque Né e Teresa Lins de Siqueira, seus pais, vinham dos primitivos desbravadores das regiões do Agreste e Sertão de Pernambuco e, no tempo mais longínquo, de Jerônimo de Albuquerque, cunhado de Duarte Coelho, o primeiro donatário da Capitania de Pernambuco.

Figura 1 – Ulysses Lins de Albuquerque, seus pais e filhos



Fonte: Acervo da família. *Fotografia*, 2023
Nota: Na foto, Ulysses Lins à direita, sua mãe Teresa Lins de Siqueira no centro e seu pai Manoel Coelho Lins de Albuquerque Né à esquerda, acompanhados por 5 dos filhos de Ulysses.

Fez o curso primário na então Vila de Alagoa de Baixo e o de Humanidades entre 1915 e 1923, ano em que se matricula na Faculdade de Direito de Recife. Bacharelando-se em agosto de 1927, UL o fez, por curiosa coincidência, quando o seu primogênito, Etelvino Lins, o qual foi governador de Pernambuco e uma forte liderança estadual e nacional do antigo PSD, cursava o segundo ano dessa mesma consagrada instituição.

Figura 2 – Na foto, Ulysses Lins de Albuquerque



Fonte: CEPE (Companhia Editora de Pernambuco). *Fotografia*.[3]

Aos 16 anos iniciava-se no verso colaborando com a "Gazeta de Pesqueira", jornal semanário da cidade de Pesqueira, com a poesia "*A mocidade pesqueirense*" na edição de 21 de maio de 1905, onde o mesmo relata que "Via, assim, estampada em letra de fôrma uma das minhas produções poéticas, que eu copiava num caderno, pretendendo enfeixá-las numa brochura, com o título de Lira dos quinze anos" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 143). Desde então, UL continuou colaborando com a *Gazeta* e com o jornal *Lidador* de Vitória de Santo Antão, mas, com maior frequência no semanário de Pesqueira onde "Sebastião Cavalcanti era o diretor de *A Gazeta*, mas dentro de pouco tempo o periódico passava à propriedade de Zeferino Galvão, que, vez por outra, me enviava algum jornalzinho do interior de Estados do Norte, em que eram transcritas produções minhas" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 143).

Nesse mesmo ano, UL vai a Pesqueira acompanhado pelo irmão mais velho Etelvino para consulta médica. O ainda menino UL fica deslumbrado com a cidade, "era a primeira cidade que eu conhecia.... Sentia-me, assim, meio deslumbrado com a bela cidade situada aos pés da majestosa Serra do Urubá (ou Ororubá), fundada pelo capitão-mor Manuel José de Siqueira" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 144). Nessa ocasião ele conhece Zeferino Galvão, poeta, romancista, diretor e redator da *Gazeta* com quem fez amizade, era seu maior incentivador e divulgador, e, por coincidência, UL veio a substituí-lo na cadeira Nº 01 da Academia Pernambucana de Letras (APL).

Publicou seu primeiro livro de poemas em 1910, *Pedúnculos*, para retomar a poesia, doze anos mais tarde com os poemas de *Ao sol do Sertão* (1922), onde já se faz sentir a presença e a força inspiradora da paisagem e do homem da região que o

3 Disponível em: http://editora.cepe.com.br/autor/ulysses-lins-de-albuquerque. Acesso: 31/01/2023.

vira nascer. Vale a pena lembrar as palavras de Manoel Arão[4], ao prefaciar a primeira edição de *Ao sol do Sertão*:

> O poeta de *Ao sol do sertão*, filho do mesmo ambiente, amando com a mesma ternura que ama tudo que aquela gleba possui de prodigioso na mudez bárbara de suas serranias ciclópicas, e na evocação mística de seus luares de lendas, na poesia daquela terra que tem no seu seio o paradoxo de sua hostilidade abrasadora e a perpétua virgindade que cada invernada faz desabrochar em flores, em perfumes e em cascatas fulminantes, foi bem no seu livro como um psicômetro que, ao contato de um fragmento, reconstitui todos os ruídos, todos os dramas, todas as peripécias que desfilaram em torno daquele microcosmo, tal como o grão de areia que guarda no seio a ressonância do passo do primeiro viandante que o esmagou. (ALBUQUERQUE, 1957, p. 325)

Funcionário público desde 1905, como integrante dos quadros fazendários, obteve em 1916, por concurso, o cargo de agente fiscal do imposto do consumo, "Em junho de 1916, realizava-se o primeiro concurso para o cargo de agente fiscal do Imposto de Consumo. Inscrevi-me. Submetido a provas, fui classificado em décimo lugar" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 195) e foi designado para Pesqueira em 1917. Em 1923 foi transferido para o Recife por perseguição política, mas, viu a oportunidade de fazer o curso de Direito, grande aspiração de sua vida, "Estava eu com seis filhos. Apesar dessa carga, feito o vestibular na Faculdade de Direito, matriculei-me no primeiro ano do curso jurídico, em abril de 1923" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 219). UL não esconde a satisfação de ter sido contemporâneo no curso de Direito do seu filho mais velho, Etelvino, que "em 1927, quando terminei o curso jurídico. (Meu filho Etelvino – o primogênito – cursava o segundo ano de Direito.)" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 222). Em 1938 foi transferido para São Paulo onde ficou até se aposentar em 1940, voltando para morar em sua Fazenda Conceição em Sertânia/PE.

Habituado desde a infância à política, conforme relato no seu livro *Um Sertanejo e o Sertão*, publicado em 1957, foi eleito Deputado Federal, em 1945, pelo PSD pernambucano, reelegendo-se ainda por mais duas vezes, após o que resolveu abandonar as atividades partidárias. Sua obra literária, que a princípio caracterizou-se mais pela poesia do que pela prosa, prosseguiu em 1932 com a publicação dos versos de *Fogo e Cinza,* obra reeditada em 1933, 1935, 1953, e 1959. O tema "seca" chega-nos pela poesia de Ulysses Lins com o livro *Fogo e Cinza*, com poemas que fazem um 'documentário' sobre a seca, buscando estar mais próxima da realidade, reafirmando a legitimidade e autenticidade de sua ligação a sua terra, mesmo diante de situações de

4 Natural de Afogados da Ingazeira/PE foi escritor, jornalista, teatrólogo e poeta, tanto que chegou a integrar a Academia Pernambucana de Letras (APL) e o Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP). Mais informações em: https://www.recantodasletras.com.br/artigos-de-literatura/2983909

tormentas e desespero ante o quadro cruel com que se depara, a morte das coisas e dos seres que lhe são mais caros, num espetáculo dantesco:

> Fogo e cinza. E tal qual uma coivara
> A terra a arder no espasmo da ignição;
> É a seca o sol como que o incêndio ateara
> Nas caatingas cinzentas do Sertão
>
> Pelo campo desnudo, a sombra é rara
> De que a flora morreu, tem-se a ilusão.
> Apenas a folhagem verde-clara
> Do juazeiro, resiste à combustão
>
> E no seio do vale, que as raízes
> Alimenta, – garboso, eis pompeando
> O pau d'arco – vermelha a copa em flor
>
> Como simbolizar as hemoptises
> Da terra mártir, que o Nordeste uivando
> Varre e açoita, veloz, devastador.
> (ALBUQUERQUE, 2016, p.7)

A segunda fase de UL como escritor se dará como memorialista (na segunda metade do século XX), mais precisamente em 1957, quando publica o seu primeiro livro de memórias, o já citado *Um Sertanejo e o Sertão*, acolhido pela crítica como uma excelente contribuição a narrativa memorialística, sobretudo do ponto de vista histórico e social. A esse trabalho, segue-se, em 1960, outro livro que mantêm a mesma característica da narrativa memorialística, *Moxotó Brabo*, abordando de forma direta aspectos histórico-sociológicos regionais. Em 1971, ainda na mesma linha das reminiscências, publicou *Três Ribeiras*, que, com os dois anteriores formam a trilogia memorialística de UL, um valioso documento sobre a dinâmica socioeconômica e cultura da árida região sertaneja de Pernambuco banhada pelos rios Moxotó, Ipanema e Pajeú. Estes livros formam um depoimento vivo do que tem sido a formação do Brasil no sertão das TR, esquecido dos homens, do Estado, por vezes, até mesmo de Deus.

Sem se afastar da poesia, publicou *Sol Poente* em 1962 e *A Noite Vem*, em 1969. Outros livros de sua autoria: *Seara Alheia* (1962), *O Boi de Ouro e Outras Histórias* (1975) e *Chico Dandim* (Romance, 1974). Escritos deixados para sua família também foram editados após sua morte: *Colcha de Retalhos* (2004) e *Memórias que Guardei de Memórias*, este em dois volumes: Volume I (1889-1941), publicado em 2011, e, Volume II (1942-1956) publicado em 2014. A respeito de UL, ao apreciar o livro *Sol Poente* (1962), escreveu Manoel Bandeira:

> Vejo que sua formação parnasiana – evidente na estruturação irrepreensível dos seus versos – não colidiu com o amor a coisas

> do nosso querido Nordeste – facheiros e mandacarus do combusto Moxotó! Tudo isso foi lido por mim com grande deleite e venho agradecer-lhe os momentos agradáveis que me proporcionou. (ALBUQUERQUE, 2016, p. 17)

UL, sertanejo, poeta, memorialista, regionalista, político sem o ter desejado ser, faleceu no Rio de Janeiro em 29 de dezembro de 1979, com pouco mais de 90 anos, tendo sido, membro da Academia Pernambucana de Letras, onde ingressou em 1938, sob o auspício do sucesso de *Fogo e Cinza* (1932) com o discurso *Exaltação à Poesia Sertaneja*, saudado pelo acadêmico Oscar Brandão. Foi sócio do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico de Pernambuco (IAHGP) e sócio honorário do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo. Era um ecologista, ardoroso defensor da fauna e da flora da caatinga sertaneja e, no seu poema *Meu Sertão do Futuro* (ALBUQUERQUE, 2016) de 1932, já clamava por iniciativas que amenizassem as inclementes secas castigantes da sua gente e dinamizassem a pobre economia do sertão nordestino.

2. O espaço e o lugar

Na trilogia memorialística de UL, o homem sertanejo e o seu meio natural fazem parte de um todo, indivisível, visceral, ininterrupto e emocional, não se prendendo ao presente, ao agora. A natureza do sertão das TR[5], representada por UL, desperta o interesse de pesquisadores, de diferentes áreas que querem entender a dinâmica compreendida entre o sertanejo (ou sertanejos) e o sertão. De certa forma, queremos entender como UL, através de suas memórias, concebe o sertanejo? O sertão? E as relações entre o homem sertanejo e a natureza do sertão? Quais as variáveis que interferem nessa dinâmica?

Em UL, o sertão é concebido em sentido mais largo, contemplando os aspectos físicos, naturais, sociais, econômicos e culturais. Dessa forma podemos afirmar que o sertanejo e o sertão são engrenagens de um mesmo motor, lentes do mesmo caleidoscópio, a percepção de um leva a imagem do outro. A concepção de UL sobre o sertão das TR nos leva, novamente, as ideias de Tuan (1980; 1983), que trabalha os conceitos de *espaço* e *lugar* como próprios da natureza, por isso são intimamente ligados, indicando intersecções de experiências. Segundo Tuan (1980; 1983) as pessoas precisam de outras pessoas, pois suas vidas se constroem em uma dinâmica dialética de refúgio e aventura, dependência e liberdade. Dessa forma, em UL podemos conceber o espaço, sertão das TR, como possibilitadora de travessias (RICOEUR, 2010), que em cada parada faz com que o espaço se configure em lugar. Na sua narrativa, o espaço sertão, universal e indiferenciado vai se transformando em lugar, na medida em que cada parada, cada lembrança, nos leva a um conhecimento mais íntimo do meio e dos indivíduos, levando-nos a conferir valores e significados.

5 Abreviação de "três ribeiras", região do sertão de Pernambuco que compreende as bacias dos rios Moxotó, Ipanema e Pajeú, afluentes do Rio São Francisco.

Os lugares são centros de significados e valores que aproximam e afastam, em diferentes níveis, indivíduos e grupos. O termo 'topofilia' como elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico, sendo difuso como conceito, vívido e concreto como experiência pessoal, o amor humano ao lugar, é amplamente usado por Tuan (1980). Desse modo, podemos associar a ideia de Tuan (1980) a UL que compreende os elos afetivos entre o indivíduo e a natureza, o sertanejo e o sertão, ao agir como imagem, percepção, modela as emoções, "E como não ser assim, se no sertão tudo à poesia respira?" (ALBUQERQUE, 1957, p. 323).

Segundo Tuan (1980), a topofilia acontece em dimensões espaciais reduzidas e homogêneas, assim os indivíduos se identificam e afeiçoam mais facilmente do que em espaços grandes e heterogêneos. No texto "*O Último Baraúna*", Francisco de Assis Barbosa[6], escritor carioca, membro da Academia Brasileira de Letras (ABL) diz que

> Alagoa de Baixo (hoje Sertânia) é o eixo efetivo em torno do qual gira o universo de *Um sertanejo e o sertão*. É um miniuniverso, constituído de pequenos povoados, os mais próximos: Custódia, Flores, Afogados da Ingazeira; um pouco mais distantes, para as bandas do Ceará: Triunfo, Serra Talhada (onde nasceu Agamenon Magalhães, bisneto de uma índia Cariri); mais ao norte, junto da Paraíba: São José do Egito; mais para o sul, em direção ao agreste pernambucano: Pedra, Arcoverde, Buíque, Pesqueira (a cidade maior, a cidade propriamente dita, com suas indústrias e a estação ferroviária, que estabelece a ligação desse conglomerado humano de proprietários rurais e seus agregados, vaqueiros e jagunços, ao Recife, centro das decisões políticas, que tem o poder de fazer e desfazer os coronéis, instituí-los e derrubá-los, ao sabor das ascensões e quedas periódicas dos governadores) (ALBUQUERQUE, 1957, p. 22).

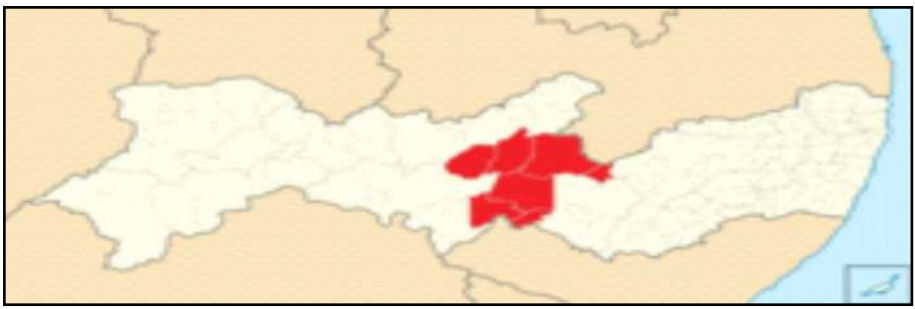
Seguindo as ideias de Tuan (1983), o sertão das TR, cortadas pelos rios Moxotó, Ipanema e Pajeú, é o espaço de memórias de UL, enquanto Alagoa de Baixo (atual Sertânia) é o seu lugar de memórias. O sertão das TR é composto pela região pernambucana banhada pelo rio Moxotó que

> Corta, assim, o Moxotó, no seu curso de 264 quilômetros, os municípios de Sertânia, Inajá, Tacaratu e Petrolândia, banhando além daquela primeira cidade e suas povoações do Rio da Barra e Caroalina, as de Jeritacó e Ibimirim, do município de Inajá, cuja sede também lhe fica à margem direita; bem assim a povoação de Volta (Alagoas), onde sobre ele existe a ponte da via férrea de Piranhas a Petrolândia. (ALBUQUERQUE, 1960, p. 16)

6 Jornalista, biógrafo, historiador e ensaísta, foi o sétimo ocupante da Cadeira 13, eleito em 19 de novembro de 1970, na sucessão de Augusto Meyer e recebido em 13 de maio de 1971 pelo Acadêmico Marques Rebelo. Recebeu os Acadêmicos Carlos Chagas Filho e Orígenes Lessa. Mais informações em: https://www.academia.org.br/abl/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm%3Fsid%3D176/biografia

A região do Moxotó pernambucano faz divisa com os estados de Alagoas e Paraíba. Seu território corresponde a 14,31% do Sertão de Pernambuco, com área de 8.939 km². Os moradores da microrregião representam 13,50% dos habitantes do Sertão Pernambucano. É formada por sete cidades: Arcoverde, Betânia, Custódia, Ibimirim, Inajá, Manari e Sertânia, conforme a figura abaixo:

Figura 3 – Microrregião do Moxotó pernambucano



Fonte: Cidade Brasil. *Imagem*.[7]

Pela região do Ipanema ocupa uma área de 5.274 km², possui clima semiárido, chuvas escassas e mal distribuídas, altas temperaturas e é formada por 6 municípios Águas Belas, Buíque, Itaíba, Pedra, Tupanatinga e Venturosa, conforme figura abaixo:

Figura 4 – Microrregião do Ipanema pernambucano



Fonte: Cidade Brasil. *Imagem*.[8]

O rio Ipanema, "Termo indígena que significa "água ruim, rio sem peixe ou ruim de pesca" – conforme se lê em O Tupi na geografia nacional, de Teodoro Sampaio – rio temporário, que nasce em Pesqueira, ao pé da serra do Ororubá, e vai desaguar no São Francisco, cortando vários municípios" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 19).

E por último, pela região do Pajeú que possui 8.770 km² de área, é composta por dezessete municípios, Afogados da Ingazeira, Brejinho, Calumbi, Carnaíba,

7 Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-do-sertao-do-moxoto.html. Acesso em 18/01/2023.

8 Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-do-vale-do-ipanema.html. Acesso em 18/01/2023.

Flores, Iguaraci, Ingazeira, Itapetim, Quixaba, Santa Cruz da Baixa Verde, Santa Terezinha, São José do Egito, Serra Talhada, Solidão, Tabira, Triunfo e Tuparetama, conforme figura 5:

Figura 5 – Microrregião do Pajeú pernambucano



Fonte: Cidade Brasil. *Imagem*.[9]

O rio Pajeú, "extensa ribeira que começa nas nascentes do rio (Pajeú), ao pé da serra do Teixeira (ramificação da cordilheira da Borborema), divisor de águas de Pernambuco e Paraíba e vai desaguar no rio São Francisco, banhando uns 20 municípios, alguns deles cortados por seus afluentes" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 70).

Esse é o espaço de UL, onde é realizada a rotina do dia a dia das pessoas, sejam comuns ou complexas, onde ocorrem atos políticos, econômicos e sociais de todos e para todos que ali vivem, com escalas e fluxos variados entre os diferentes lugares nesse espaço. Passeando pelos lugares desse espaço, desde os vividos, os representados e os simbólicos, UL percebe o sertanejo enquanto ator que valoriza, assume posições e atitudes e mitificam a natureza sertaneja. O sertão de UL pode ser visto como território, uma parte de Pernambuco, do Nordeste e do Brasil com suas dimensões de tamanho, limites, formas, movimento, população, aglomerações urbanas e ocupações rurais. Todavia, o sertão das TR não se limita ao território concreto, pois os sertanejos estabelecem laços afetivos com sua terra, criando um espírito de pertencimento a esse espaço, fazendo dele o seu lugar.

UL não está fora desse contexto, e, dentro do sertão das TR, Alagoa de Baixo (atual Sertânia) é o seu lugar que transcendo o social e econômico, por meio de vínculos parentescos, as famílias, os compadres, amigos de infância, a divisa da água, a solidariedade nas alegrias e nas dores, as manifestações culturais e festividades que congregam os sertanejos estreitando as relações com o espaço, que, dessa forma, se torna um lugar, um mundo a parte, um lar.

> Lembro-me bem de muitos lances do episódio. A vila regurgitava, pois, a população das fazendas e dos sítios viera para ali a fim de assistir ao grande acontecimento. Minha avó (Siá Santa) havia chegado na véspera, com toda a família, bem como os mo-

9 Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/microrregiao-de-pajeu.html. Acesso em 18/01/2023.

> radores da fazenda que sempre acompanhavam a comitiva – ela com os filhos e genros – nas proximidades das festas religiosas. E a casa de meu pai parecia um hotel, pois todos da família eram seus hóspedes (ALBUQUERQUE, 1957, p. 77).

O espaço se divide culturalmente em lugares, nos quais as pessoas se unem e reúnem, aumentando e diminuindo, na tentativa de conservar identidade, visões, concepções e relações. Um desses lugares para UL é a Fazenda Pantaleão (figura 6), onde nasceu e viveu até os oito anos quando teve que mudar para a vila de Alagoa de Baixo para estudar, "Menino de oito anos, sentia-me torturado ante a revelação da mais amarga realidade: deixar o sítio onde nascera e vivera até então, afastando-me assim do "meu mundo", onde tudo para mim era poesia e encanto" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 31).

Figura 6 – Pintura da antiga casa sede da Fazenda Pantaleão



Fonte: Acervo da família. *Pintura*, 2023.*
Nota: Município de Sertânia/PE, onde nasceu Ulysses Lins em 09/05/1889.

Outro lugar era a vila de Alagoa de Baixo em que UL, chegando para estudar, descreve:

> Diante de meus olhos deslumbrados de menino do mato, a paisagem física e humana daquele vilarejo inculto, com umas 90 casas e menos de 500 almas, fundado em 1810 à margem direita do Moxotó por Antão Alves de Sousa, revelou-me coisas que me impressionavam a exaltada imaginação de pequeno bugre desgarrado dos campos que me foram teatro das maiores diabruras (ALBUQUERQUE, 1960, p. 32).

E sobre a Fazenda Pantaleão:

> E como que estou a ver, com os olhos deslumbrados da infância, a paisagem pitoresca que se fixou indelevelmente na retina: a casa-grande, alegre e rumorosa; as casinhas dos moradores disseminadas por ali perto; a linda várzea em frente, por onde as ovelhas roíam a grama, enquanto os bem-te-vis, nelas pousando, catavam fragmentos de folhas do mato e de insetos entranhados na lã; e se espalhavam os juazeiros, as baraúnas e as quixabeiras, frondes agitadas pelo vento, num murmúrio brando; e os mandacarus, perfilados, agressivos – lembrando espectros de estranhos guerreiros, resistindo às inclemências da natureza, mas em certa época enfeitados de súbito com as flores níveas, abertas ao sereno da noite –, prenúncio de trovoadas, na crença do sertanejo, ou, quando amadurecidos os frutos – vermelhos, cor de sangue –, atraindo os sofrês, de plumagem rubro-negra, a soltarem o gorjeio característico em retribuição à preciosa dádiva; e aquela pedra a um lado do curral, isolada, no meio da planície, em frente à qual às vezes brincávamos de missa porque, pela configuração, ela nos lembrava um altar... (ALBUQUERQUE, 1960, p. 53)

Sem dúvida nenhuma, para UL, o sertão da TR é o seu espaço, mas Sertânia (antiga Alagoa de Baixo) é o seu lugar. Foi ele que propôs a mudança de nome de Alagoa de Baixo para Sertânia em 1943. Nomear, pensar em um nome e no que ele representa logo nos vem à cabeça alguma significação. O nome serve para designar as coisas, pessoas, lugares, etc., como se ele servisse para especificar algo que é nomeado. Nomear algo quer dizer separar alguma coisa para lhe dar destaque. Para lhe conferir uma certa exclusividade, para se referir a algo sem recorrer a alguma interferência que um objeto pode ter em outro. Em primeiro lugar, sugeriu-se o nome de "Sertanópolis", que não foi bem recebido, por já existir uma cidade no Paraná assim denominada. Foi então que UL sugeriu o nome "Sertânia", rebatizando a sua terra natal, que significa "cidade sertaneja", e a proposta acabou sendo aceita pelo Conselho Nacional de Geografia.

> Sobre Sertânia, já me referi nos meus dois livros de memórias, especialmente no Moxotó brabo, mas preciso explicar a razão por que sugeri, para a denominação da cidade, este nome em substituição ao de Alagoa de Baixo; bem como devo mostrar um erro verificado na Enciclopédia dos municípios pernambucanos, quanto aos distritos do município. Algumas pessoas sempre me procuravam – notadamente uns moços que desejavam fundar um clube, e não sabiam como adicionar-lhe o nome ao da cidade. Sugeri, então, a denominação de Sertânia, que foi bem aceita e, finalmente, consagrada pelo Conselho Nacional de Geografia. (ALBUQUERQUE, 1971, p. 46-47)

Fica evidente o laço afetivo de UL para com Sertânia, ele nomeou o seu lugar, identificou e o distingui-o dos demais, que não fosse qualquer lugar, generalizado e homogêneo, mas o seu lugar, único e diferente, com sua serra, vegetação, seu rio, seus povoados, seus caminhos, suas histórias e seu povo, com suas cores, seus sons, percepções e atitudes que lhe atribuem valores, sentidos e significados, "o novo nome adapta-se muito bem à cidade e ao município, que, em plena zona sertaneja, limitava-se a poucas léguas com o de Pesqueira – região do agreste" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 47). Sertânia está localizado região do Rio Moxotó, limitando-se geograficamente, ao norte, com os municípios de Iguaracy e Estado da Paraíba, ao sul, com Ibimirim, Arcoverde, Tupanatinga e Buíque, a leste com o Estado da Paraíba e, a oeste, com Custódia, a área municipal ocupa 2359 km², conforme figura abaixo:

Figura 7 – Atual território do município de Sertânia no Estado de Pernambuco



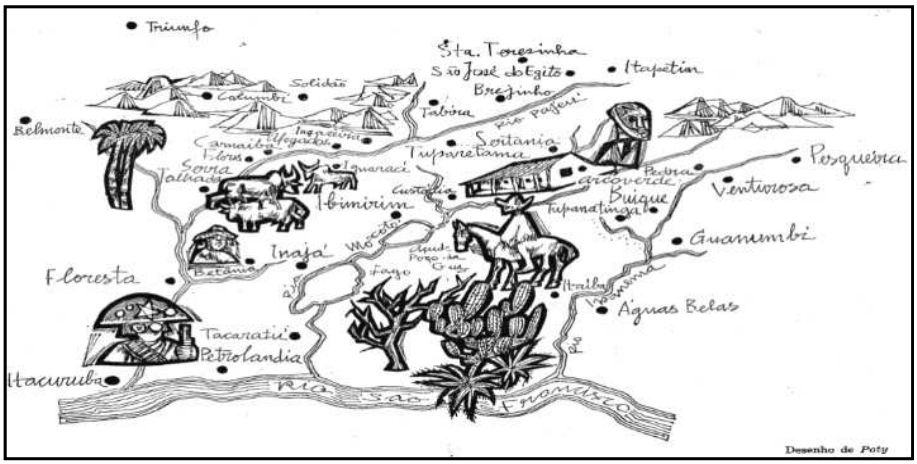
Fonte: Cidade Brasil. *Imagem*.[10]

Esse é o lugar de UL, construído a partir do contato íntimo, da cultura vivenciada e dos valores atribuídos ao sertanejo e ao sertão (TUAN, 1983), é sua "parada", enquanto o sertão das TR é dinâmico, local de travessia (RICOEUR, 2010), de vivência, Sertânia é o lugar de parar e contemplar. Através de um olhar pelo caleidoscópio, UL traz m colorido ao sertão das TR através da narrativa de sua realidade. Como um artesão, UL tece suas memórias através da narrativa, costurando as experiências do seu lugar com as vivências do seu espaço. A primeira edição de *Três Ribeiras* em 1971 foi ilustrada com um desenho de Poty[11], representando o sertão das TR, o espaço de UL:

10 Disponível em: https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-sertania.html. Acesso em 18/01/2023.

11 Napoleon Potyguara Lazzarotto (Curitiba, Paraná, 1924 – Idem, 1998). Gravador, desenhista, ilustrador, muralista, professor. O artista possui extensa e eclética obra gráfica. No começo da carreira, cria diversas histórias em quadrinhos e ilustra livros de autores nacionais e estrangeiros.

Figura 8 – Sertão das Três Ribeiras



Fonte: LAZZAROTTO, Napoleon Potyguara. *Desenho*.[12]

UL compreende o seu espaço e toda simbologia que o explica, suas lutas, seus anseios, suas dores, seus amores, suas andanças, suas histórias e sua gente. Ele também compreende o seu lugar, íntimo, aconchegante, familiar, das lembranças e saudades. O espaço da diversidade dos sertões das TR é o lugar da pluralidade, de um único sertão e de vários sertões.

3. A paisagem sertaneja

Segundo Raffestin (1993 [1980]) a paisagem é aquilo que se vê como a casa do homem, podendo causar sensações e emoções. Sua descrição é qualitativa e se restringe as forma e funções, ficando circunscrita ao plano do "visto". Dessa forma, ela dissimula sempre uma territorialidade, isto é, a possibilidade de formação de um território.

Nessa perspectiva, o conceito de "território" pode ser entendido como uma projeção, concreta e simbólica, dessa paisagem, definindo-se não apenas através do valor, da atitude, do afeto, etc., mas, principalmente, pelo sistema de relações estabelecido entre os grupos e o exterior. Um sistema de relações dos mais variados tipos: simétricas, assimétricas, econômicas, de poder, entre outras, possibilitando aos grupos encontrar sua identidade. A linguagem do território é, portanto, a das relações. Hoje, *o visto*, conduzindo à descrição das paisagens, já não é suficiente para o entendimento, pois a percepção social se desloca para o vivido – o possível de se concretizar através dessas relações. Estabelecendo um paralelo entre Tuan (1983) e Raffestin (1993), podemos dizer que eles são complementares. E, num certo sentido, o conceito de paisagem se assemelha ao de espaço, enquanto o de território se assemelha ao de lugar. Dessa forma,

12 Do livro "Três Ribeiras. Reminiscências do sertão" (Rio, 1971), de Ulysses Lins de Albuquerque, em desenho de Poty Lazarotto, mostrando as regiões sertanejas do Ipanema, Moxotó e Pajeú. Disponível em: ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. *Três Ribeiras.* Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

> É essencial compreender bem que o espaço é anterior ao território. O território se forma a partir do espaço, é o resultado de uma ação conduzida por um ator sintagmático (ator que realiza um programa) em qualquer nível. Ao se apropriar de um espaço, concreta ou abstratamente [...] o ator "territorializa" o espaço. (RAFFESTIN, 1993 [1980], p. 143).

UL não consegue enxergar o seu espaço/paisagem, o seu lugar/território, o sertão das TR sem atribuir-lhe concepções, valores. Caracterizando, UL qualifica e faz juízo de valor. Usa da redundância (ribeira do Moxotó, ribeira do Pajeú, por exemplo) para robustecer suas imagens e, através delas, universalizar o sertão.

No decorrer de suas memórias, é perceptível sua fascinação pela natureza. A fauna, os rios, a terra, a vegetação, enfim, são narradas em passagens marcantes como na caçada de mocós que UL fez com o amigo de infância Manoel Salinas na Serra do Capim em Sertânia,

> Íamos armados de espingarda para a Serra do Capim, a uma légua e meia, caçar mocó. Saíamos de madrugada e, quando o dia despontava, já havíamos escalado a serra pela subida mais acessível e estávamos a postos, por detrás das pedras, esperando que os mocós saíssem das tocas para esquentar ao sol (ALBUQUERQUE, 1957, p. 116).

Nessa lembrança, UL deixa claro o seu encanto e fascinação pelas belezas naturais do seu sertão, do seu lugar que descreve com intimidade:

> E como eu me sentia bem naquela intimidade com a natureza bárbara, admirando do alto da serra o esplêndido panorama que se descortinava até os horizontes longínquos, empolgado pela imponência dos cedros, das aroeiras, bálsamos (ou cabraíbas), jatobazeiros, camarus, umburanas, paus-d'arco, umbuzeiros, angicos e outros espécimes vegetais, ali pompeando, fora do alcance do machado (ALBUQUERQUE, 1957, p. 117).

As paisagens descritas por UL são vistas através de um caleidoscópio que as mostram de forma mítica, epopeica e intima em que o sertanejo não é subjugado pelo determinismo do seu meio, como fez Euclides da Cunha, mas fica desnorteado diante da grandeza da natureza.

A relação entre UL e a natureza do sertão é frequente, como se esta provocasse seus momentos de reflexão e entendimento do mundo. É constante a ideia dos ciclos, dos ritmos e, no caso, de ressurgimento que marca suas memórias. Em relação à seca, descreve "regressamos logo para o velho sertão em "fogo e cinza", pois a grande seca daquele ano de 1919 era uma das mais terríveis da história" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 211). A paisagem muda conforme as mudanças climáticas, o ciclo das secas, ora

cinzenta, quente, espinhosa, ora verde, molhada, com folhas e flores, como foram referenciadas em "Sertão Mártir":

> Meu sertão sofredor! Quanta desdita
> Legou-se o fado caprichoso e adverso,
> Para que fosses a "região maldita"
> Que o sol escalda a dardejar, perverso.
>
> Nem uma asa se agita nas restingas
> Que o cataclismo reduziu a pó.
> E teu gado a morrer pelas caatingas,
> Meu combusto sertão do Moxotó.
>
> [...]
>
> Sim meu sertão. Que as chuvas fecundantes,
> – sentindo que te beija a primavera –,
> "Tu voltarás a ser o que era dantes...
> E eu não sei se serei quem dantes era!"
> (ALBUQUERQUE, 2016, pp. 104-105)

A paisagem que se transfigura, o cinza acentuado pela seca que faz com que a vegetação perca suas folhas e fiquem apenas garranchos descobertos, se cobrem de verde e de flores com a chegada das primeiras chuvas, transformando assim a paisagem do sertão e a vida do sertanejo. De certa forma, essa transfiguração se associa a transformações psicológicas da narrativa de suas memórias. As passagens sobre as chuvas e o ressurgimento da paisagem molhada e verde são descritas por uma linguagem mais leve e esperançosa, "os rios, ora secos, em pleno e assolador estio, deixando rasgar o seio para encher os cântaros às lavadeiras e dar de beber às aves que descem em revoada ao fundo das cacimbas, ora apojados com as águas do inverno, a roncar, descendo em avalanche, com a fúria das pororocas" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 323).

A cristalina distinção das duas paisagens, em diferentes momentos climáticos, e o conjunto de esperanças que trazem e fazem surgir uma narrativa dicotômica, "Em fins de fevereiro começou a chover. Era inverno de verdade. O ano de 1899 vinha acabar com a desgraça espalhada pelo antecessor, que quase mata tudo de fome – gente e bicho..." (ALBUQUERQUE, 1960, p. 125). Junto com a maniqueísta oposição bem/mal, UL traz também como referência a oposição entre a seca/chuva do sertão, onde a paisagem reflete os ritmos da natureza sertaneja. E é nesse ritmo que o sertão se mostra heterogêneo com grande diversificação de fauna e flora que se transformam nos "anos de inverno" (com grande índice pluviométrico de chuva) e nos "anos de seca" (com ausência de chuvas). Para Manuel Correia de Andrade (1963),

> no Nordeste, o elemento que marca mais sensivelmente a paisagem e mais preocupa ao homem, é o clima, através do regime

> pluvial, e exteriorizado pela vegetação natural. Daí distinguir-se desde o tempo colonial a 'zona da Mata' com o seu clima quente e úmido e duas estações bem definidas – uma chuvosa e outra seca – do Sertão, também quente, porém seco e não só seco como sujeito, desde a época colonial, a secas periódicas que matam a vegetação, destroçam os animais e forçam os homens à migração (ANDRADE, 1963, p. 06).

A cobertura vegetal do sertão que proporciona essas mudanças periódicas é a caatinga, que marca a paisagem transfigurada do sertão nordestino. No sertão das TR a vegetação próxima das serras (como a do Jabitacá e a do Capim descrita por UL), é arbórea, e das regiões mais distantes das serras e brejos predomina uma vegetação arbustiva, dependendo do grau de aridez, mas todas elas trazem os espinhos como característica predominante. Essa vegetação está intimamente ligada e adaptada à irregularidade das chuvas, que após as primeiras a caatinga "ressurge" como um presente da natureza, florescendo e perfumando o ar úmido pelas precipitações que acabam de cair.

Nos "anos de inverno" os rios da região, secos durante os "anos de seca", mostram sua força, modificam a paisagem e arrastavam tudo pela frente com as forças de suas correntezas, em um espetáculo periódico que UL descreve dessa forma: "Para mim, aquilo era um deslumbramento, pois até ali – desde que chegara a Alagoa de Baixo – aquele riozinho humilde se mantivera seco, de leito esturricado, a faiscar aos raios de fogo do sol do sertão" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 89).

Nas suas memórias, duas paisagens se destacam das demais, o Rio Moxotó e a Serra do Jabitacá. O riozinho descrito por UL é o Rio Moxotó, que nasce no Município de Sertânia, próximo ao povoado de Pernambuquinho na fronteira entre Pernambuco e Paraíba.

> Empolgava-me, assim, a imponência daquele espetáculo maravilhoso, a revelar-me o que eu jamais imaginara. De fato, longe estava de supor que o Moxotó, nascido dali a uns 20 quilômetros, no divisor de águas de Pernambuco com a Paraíba – nas ramificações da Serra de Jabitacá, que se estendem, para leste, além da Serra do Boqueirão – viesse um dia com aquele despropósito, a transbordar com a maior arrogância, alagando as várzeas, numa extensão de 500 metros talvez! (ALBUQUERQUE, 1957, p. 89).

Em torno dele se organiza o Sertão do Moxotó, microrregião sertaneja que já caracterizamos anteriormente. Um vale fértil de artistas e poetas, mas também celeiro de violência desenfreada de volantes, cangaceiros e de capangas do coronelismo. O sertanejo do Moxotó, assim como o cangaço que desafia a hegemonia do mandonismo dos coronéis, resiste às condições de vida diferenciadas no seu meio, quer seja o desafio de conviver com as secas, quer seja o desafio de conviver com a vegetação aparentemente hostil, já que ao longo do tempo ele vai descobrindo seus segredos naturais tornando-a uma aliada.

O rio Moxotó segue este espírito de resistência ante as secas, afinal como rio temporário fica seco a maior parte do ano, só voltando a encher durante os invernos. Raramente experimenta enchentes, mas quando o faz possui uma fúria arrasadora:

Meu Moxotó, meu ignorado rio
Que os invernos de longe beijam
-quando nas águas em fúria rumorejam
Sobre o teu leito estanque anos a fio.

Causas-me pena, assim. Mudo... Sombrio...
Somente os cactos junto a ti vicejam!
E se acaso as enchentes te sobejam
Vão as lianas beijar-te o dorso frio.

Mas, o seio a sulcar do "Inferno Pardo"
– O sertão –, se aos estios inclementes
Só vês com a vida a palmatória e o cardo,

– À sombra tutelar dos jiquiris,
Embalam-te as canções tristes, dolentes,
Das asas-brancas e das juritis!
(ALBUQUERQUE, 2016, p. 112)

A etimologia da palavra "Moxotó" tem, segundo o próprio UL, o significado de rio ou ribeira (*Tó*) de índios bravios (*Moxo*), conforme "a sugestão mais aceitável foi a do doutor Murtinho Nobre fornecida ao meu ilustre amigo doutor Edgar Teixeira Leite, a quem eu pedira uma tradução para o termo *moxo* – índios selvagens – e *to*, rio ou ribeira: rio (ou ribeira) de índios selvagens ou bravios" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 49).

A outra paisagem importante na narrativa memorialística de UL é a Serra do Jabitacá, "[...] um prolongamento da Cordilheira da Borborema, serve de limite entre Sertânia e Afogados da Ingazeira, bem assim entre esses municípios pernambucanos e o de Alagoa do Monteiro, Paraíba" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 187). A Serra do Jabitacá é um dos maiores maciços da Borborema, visto que tem altitudes que beiram os mil metros, vegetação de mata de caatinga e clima quente e seco. É nessa serra que se origina o Rio Paraíba, onde o seu maior pico apresenta uma altitude de 1079 metros, o pico da Bolandeira[13].

Esta serra que prende a atenção de quem a visita, seja pela abundante flora, diversidade de sua fauna e riquezas naturais, como fonte de águas cristalinas, quer pela beleza de sua formação rochosa ou pelas histórias lendárias que carrega. Num ambiente com este, cujos cenários de encanto e magia fascinava UL:

13 Informações disponíveis em: https://www.cidade-brasil.com.br/nos-arredores-serra-da-jabitaca.html. Acessado em 26/06/2023.

> Ao referir-me à serra de Jabitacá – ponto de referência do divisor de águas dos sertões do Pajeú, do Moxotó e do Cariri –, não posso furtar-me ao desejo de frisar o fascínio que ela sobre mim exercia na minha meninice. Quando ela cachimbava, era sinal de chuva. E quando as chuvas do inverno caíam copiosas, em primeiro lugar as nuvens despejavam ali. (ALBUQUERQUE, 1960, p. 74)

Para UL a Serra do Jabitacá "era uma região encantada e, também, de encantamento – vista a distância, soberba, majestosa" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 74). A sua relação com a Serra do Jabitacá se faz dentro de um clima fantástico, é freqüente o uso de adjetivos como "mágico", "majestosa", "misteriosa", "secreta" ao falar da mesma. A percepção de UL é enriquecida com detalhes descritivos e incorporação de elementos imaginários de grande valor simbólico, como a narração dos macacos que se alimentavam de coco do catolé:

> Sobre ela ouvíamos histórias que nos deixavam maravilhados, dentre as quais a dos bandos de macacos que ali peralteavam: arrancavam os cachos de coco do catolé, e, tirando os coquilhos, iam juntando-os, quando então a macacada em redor assistia ao trabalho do chefe, a quebrar o coco (colocado entre os dedos dos pés), com uma pedra que ele prendia nas mãos, sem nunca errar o golpe. Depois, havia a distribuição das amêndoas entre os símios que ali estavam aos guinchos e aos pulos. Um deles ficava de sentinela, no topo de uma árvore, para anunciar a aproximação de alguém. Dado o sinal, o macaco chefe urinava logo sobre as amêndoas, espalhando-as para que o caçador ou o passageiro não as aproveitasse. Mas se alguém os surpreendesse sem que o vigia tivesse dado o alarme, aí teria este que pagar bem caro o descuido: uma surra em regra lhe seria aplicada, e seus gritos eram ouvidos de longe... (ALBUQUERQUE, 1960, p. 75)

É assinalado a intima relação entre UL e os animais, a vegetação, enfim, uma visão caleidoscópica totalizante e as vezes até mística sobre o sertão das TR. Sobre a etimologia da palavra "Jabitacá" no livro *Três Ribeiras* UL fala sob esse topônimo: "Quanto a Jabitacá, Martius fantasiou, supondo significar "pedra do pássaro cantador": japiim (o nosso sofrê, que o vulgo chama xofreu) e ita – pedra, ou serra. No final ele escreve no seu *Glossaurus*: "Eco?"" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 49). Para ele, essa tradução é um mero palpite e errado e que "a melhor tradução – parece – é a de Luís da Câmara Cascudo, a quem consultei" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 49), na resposta a tradução mais aceita por Ulysse é essa "*Ibi-ibiá* a terra, terra elevada, e *tacá*: galho, esgalho, esgalhar-se, ramificar-se, estender- -se, continuamente. Ou *Ibia-taquá*, aguçada, saliente, espontada, *serra esgalhada*, com ramificações ou serra aguda, com cimos aguçados" (ALBUQUERQUE, 1971, p. 49).

Sabendo da história de vida de UL, nas suas narrativas em estudo podem ser reconhecidos traços biográficos, o que se configura, sobretudo, no nível das imagens, como exposto no poema "Serra do Jabitacá", do livro *E a noite vem...*:

Amo-te, ó linda serra, desde a infância,
Quando a sorrir-me aos olhos deslumbrados,
Imponente avultavas à distância
Com teus flancos e cimos azulados.

Quanto me enfeitiçavas, na elegância
Dos recortes que ostentas ondulados
Por toda a cordilheira, na arrogância
Com quem possuís tesouros encantados...

– Lendas que têm origem nos segredos
De inscrições indeléveis nos lajedos
Por entre as quais eleva-se um clarão

– Em certas noites – a rondar-te os montes,
A cujo pés surgem no inverno as fontes
De três rios famosos no sertão!
(ALBUQUERQUE, 2016, p. 288)

O sertão das TR é para UL um espaço vivido e um lugar, pelo qual declara o seu amor que incorpora a compreensão do passado e cuja paisagem é mais bem contemplada e entendida por está ligada ao cotidiano dos sertanejos.

4. Considerações finais

É no exercício da memória, lugar de travessias (RICOEUR, 2010) e paradas (TUAN, 1983), que podemos ler outra perspectiva de sertão nas narrativas de UL, diferente do sertão pobre e trágico costumeiramente divulgado. Essas narrativas memorialísticas se realizam pelos esbarros entre a presença da cronologia e as singularidades que a afrontam, interrogando pelo narrar seu poder suposto de definição, como explicativo da história que se confronta com o narrar. Diante das viabilidades de se entender a história como definição universal de um período em um espaço - o sertão das TR em uma "época" determinada -, temos na sua tríade memorialística o embate, no campo da narrativa histórica, entre o estabelecido pela cronologia e o produzido pela narração. Suas memórias surgem como o campo desse embate, entre o lembrar e o esquecer inevitável (RICOEUR, 2010), evidente e sentido na sua narrativa, como escrita reconfiguradora de "sertanidades".

Nesse lugar de travessias, em que o sertão é transitado, UL situa sua vivência de mundo, seu travamento no tempo narrado, na memória do tempo vivido e do tempo vivido pela memória. Nesse sentido, a memória é um meio pelo qual se compreende a

experiência pessoal de um tempo, pois "[...] a vida somente se compreende por meio das histórias que narramos sobre ela" (RICOEUR, 2010, p. 209), é o caso do cotidiano das comunidades sertanejas das TR narradas por UL. Assim, a memória refere-se à vivência do tempo vivido, no sentido de se assemelhar a uma semeadura e que não é condicionada ao registro da memória individual (HALBWACHS, 2004 [1950]), mas sim compreendida como constituída pelas lembranças de um tempo vivido.

Nesse sentido, a obra memorialística de UL é lugar de passagem para o entendimento da vivência do tempo vivido e do tempo vivido pela memória. Assim, a memória pode ser pensada como um lugar de composição (HALBWACHS, 2004 [1950]), na estruturação do discurso memorialístico da singularidade enunciada e não colocada.

O ato de narrar é um embate ocorrido nos planos do tempo e da memória, onde se lê o vivido, sua passagem no sertão das TR, visto pelo dissipar do *cronos*. Dessa forma, na ameaça do apagamento, o cotidiano do sertanejo, seja no trabalho, na religiosidade, em casa ou nas brigas surge como um espaço dinâmico, de travessias (RICOEUR, 2010), produzido pela vontade de que o sertão das TR seja lido como história, pois, segundo o professor Souto Andrade[14], neles "[...] vamos encontrar pessoas de grande conhecimento sobre o passado e a realidade presente; são letrados, intelectuais às vezes alfabetizados por mestres esporádicos, excelentes contadores de estórias que acabam fazendo história" (ALBUQUERQUE, 1957, p. 12). Nisso, o sertão das TR passa a preservar-se nas imagens que o representa como lugar onde coexistem múltiplos passados, no entendimento de tempo histórico compreendido naquilo que se configura na prática da narrativa, a representação escriturária (CERTEAU, 2010 [1975]) de UL. Suas memórias destacam-se pela proporção da viagem que, desencadeada nas travessias de UL, realizam-se como coletâneas e vivências de um tempo lógico, mas não linear, uma história que se movimenta na travessia para a escrita destinada à leitura, que sempre permanece aberta.

Dessa forma, a cronologia é declinada na medida em que suas memórias não se fecham em um período que, delimitando-se no tempo, estabelece coletâneas para um dado passado pontual, ignorando ou mesmo apagando questões definidas em um presente como não pertencentes a esse passado recortado (CERTEAU, 2010 [1975]). De maneira oposta, as suas memórias, em espaço de travessia narrativa, produzem-se como lugar que, visto inicialmente apenas nas lentes do caleidoscópio da sua memória, em 1957 com a publicação de SS, alarga-se abrangendo pluralidades que acontecem simultaneamente com a passagem lembrada.

No livro MB em certa altura começa a falar da Serra do Jabitacá e sua importância para o abastecimento da região "Aquela serra era quase o celeiro onde a ribeira se abastecia de farinha de mandioca, feijão, batata, macaxeira, pois as lavouras nunca se perdiam ali, nos anos de inverno irregular, quando nada se colhia na ribeira" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 75). Em seguida lembra-se dos personagens que ali habitavam, como "Manuel Alves, curiboca cheio de mungangas quando conversava – arregalando os olhos e fazendo trejeitos –, que, se tomava um porre, ficava valente e brigava com quem o topasse!" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 76), a questão da valentia

14 Professor de História da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP), prefaciador da reedição da trilogia memorialística de UL feita em 2012 pela Companhia Editora de Pernambuco (CEPE).

o leva a lembrar do Capitão João, filho do Mestre de Campo Pantaleão de Siqueira Barbosa, outro valente, de lugar e tempo diferente, mas com a característica da valentia, "Famoso pelas suas proezas de teimosia e destemor, o "Capitão João", como era conhecido, afirmava-se homem de antes quebrar que torcer" (ALBUQUERQUE, 1960, p. 77).

No embate materializado na memória, o tempo linear é dispensado, mas, tem-se uma "consciência de história" - como reprodução de um acontecimento pontual, determinado, no entendimento universal de um "sertão" tido - contra o entendimento de "estória", como narrativa que enfrenta essa tradução direta do sertão. Embate feito com o narrar de particularidades dos sertanejos que irão compor o sertão como lugar dinâmico, de travessias.

Referências

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. ***Moxotó Brabo***. Rio de Janeiro, José Olympio, 1960.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. ***Um Sertanejo e o Sertão***. Rio de Janeiro, José Olympio, 1957.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. ***Três Ribeiras***. Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

ALBUQUERQUE, Ulysses Lins de. *A**ntologia Poética***. 2ª Edição. Rio de Janeiro, Letra Capital, 1916.

ANDRADE, Manuel Correia de. ***A Terra e o Homem no Nordeste***. São Paulo: Brasiliense, 1963.

CERTEAU, Michel de. ***A Escrita da História***. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

HALBWACHS, Maurice. ***A memória coletiva***. São Paulo: Centauro, 2004.

RAFFESTIN, Claude. ***Por uma geografia do poder***. Tradução de Maria Cecília França. São Paulo: Ática, 1993.

RICOEUR, Paul. ***Tempo e narrativa.*** (Tomo II) Trad. Márcia Martinez de Aguiar. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TUAN, Yi-Fu. ***Espaço e lugar: a perspectiva da experiência***. Tradução Lívia de Oliveira. DIFEL, São Paulo, 1983.

TUAN, Yi-Fu. ***Topofilia: Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio-ambiente***. Tradução Lívia de Oliveira. DIFEL, São Paulo, 1980.